



DESINFORMAÇÃO EM PERSPECTIVA SEMIÓTICO-INTERACIONAL¹

DISINFORMATION FROM A SEMIOTIC-INTERACTIONAL PERSPECTIVE

Conrado Moreira Mendes ²

Resumo: Este trabalho, de natureza teórica, visa a definir o conceito de desinformação à luz da semiótica discursiva e da sociosemiótica. Define, em primeiro lugar, textos e discursos desinformacionais e apresenta algumas de suas características. Aborda os contratos fiduciário e veridictório, graças aos quais se obtém a adesão ao discurso desinformacional pelo destinatário. Entretanto, com base em proposta landowskiana, concebe a possibilidade da construção de um efeito de verdade que se efetua para além do regime da manipulação e, portanto, do contrato, com ênfase ao regime do ajustamento, cuja forma de interação é o contágio de sensibilidades. Argumenta que a desinformação é um fenômeno que vem emaranhado a outros, como textos humorísticos, memes, discurso de ódio, teorias conspiratórias etc., o que constituiu o ecossistema da desinformação. Por fim, trata da desinformação como prática interacional.

Palavras-Chave: Desinformação. Interação. Semiótica discursiva.

Abstract: This theoretical study aims to define the concept of disinformation considering discursive semiotics and sociosemiotics. It first defines disinformational texts and discourses, presenting some of their key characteristics. It examines the fiduciary and veridictory contracts, through which the recipient adheres to the disinformational discourse. However, based on a Landowskian approach, it considers the possibility of constructing an effect of truth that operates beyond the manipulation regime and, therefore, beyond contractual agreements, emphasizing the adjustment regime, in which interaction occurs through the contagion of sensibilities. The study argues that disinformation is a phenomenon entangled with others, such as humorous texts, memes, hate speech, and conspiracy theories, which together form the disinformation ecosystem. Finally, it addresses disinformation as an interactional practice.

Keywords: Disinformation. Interaction. Discursive Semiotics.

1. Introdução

Este trabalho, de natureza teórica, reúne resultados de pesquisas que venho realizando desde 2020, sistematicamente, seja de forma individual, seja de forma coletiva, com o intuito de trazer balizas para a compreensão do fenômeno da desinformação à luz da semiótica

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Coordenador e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela USP e Pós-doutor em Comunicação pela UFMG, e-mail: conradomendes@yahoo.com.br

discursiva e da sociossemiótica, o que implica compreender a desinformação em perspectiva interacional. Aciona ainda trabalhos de outros autores da semiótica discursiva que também têm se debruçado sobre o tema, com o intuito de oferecer um panorama sobre o fenômeno desinformacional. Para isso, define o conceito de texto e discurso desinformacionais, trata dos contratos fiduciário e veridictório, mas também concebe a possibilidade da construção de um efeito de verdade para além do regime da manipulação e, portanto, do contrato, com ênfase ao regime do ajustamento, cuja forma de interação é o contágio de sensibilidades. Argumenta que a desinformação é um fenômeno que vem emaranhado a outros, como textos humorísticos, *memes*, discurso de ódio, teorias conspiratórias etc., o que constituiu o ecossistema da desinformação. Por fim, trata da desinformação como prática interacional.

2. Desinformação como texto e como discurso

Para a semiótica discursiva, a partir de sua filiação saussure-hjelmsleviana, a desinformação, como ponto de partida, se define como um texto, ou seja, qualquer expressão que veicule um conteúdo, ou um discurso, quer dizer, um conteúdo não textualizado. Assim, podemos falar em textos e discursos *desinformacionais*³. Portanto, um discurso desinformacional, quando se textualiza, se converte em texto desinformacional. Tanto o discurso quanto o texto desinformacionais têm características do ponto de vista do conteúdo e da expressão.

Em relação ao plano do conteúdo, são frequentes as camuflagens subjetivante e objetivante (Greimas, 2014). No primeiro caso, o “eu” se projeta no enunciado para conferir um efeito de testemunho – “eu presenciei, portanto, é verdade”; no segundo, ao contrário, o “eu” não se projeta no enunciado, de modo a conferir um efeito de objetividade, como se o fato existisse independentemente de quem o relatou, característica do discurso jornalístico, por exemplo. Acerca da camuflagem subjetivante, Demuru, Fechine e Lima (2021, p. 20) afirmam: “[...] a veracidade e credibilidade atribuída aos conteúdos advém mais do como e de quem fala do que da adequação à realidade sobre o quê se fala” (2021, p. 20). Para Greimas (2014, p.

³ Preferimos utilizar *desinformacional* a *desinformativo*, pois, na tradição dos estudos em Comunicação, o termo *comunicativo* é entendido como transmissão, enquanto o termo *comunicacional* diz respeito à comunicação como interação (Sodré, 2006; Landowski, 2008).

123), essas duas formas de manipulação discursiva que, apesar de opostas, visam ao mesmo objetivo, ou seja, a adesão do enunciatário.

Outra característica do discurso desinformacional é o uso do argumento de uma pessoa que se crê como autoridade, ou seja, quando supostos especialistas são trazidos ao discurso como fiadores da verdade (Ribeiro; Mendes; Alzamora, 2022). Podemos exemplificar tal recurso com o caso do médico francês Didier Raoult, que conduziu estudos que aplicaram um protocolo que combinava hidroxicloroquina e azitromicina, mostrando resultados positivos tanto na prevenção quanto na redução do agravamento em pacientes recém-infectados. No entanto, Lira et al. (2022) chamam atenção para o fato de que essas descobertas foram alvo de críticas na comunidade científica devido a vieses na seleção dos participantes e à falta de um grupo de controle nos experimentos. Acerca desse tema, Vasconcellos-Silva e Castiel (2022) afirmam:

Raoult conquistou fama mundial, com amplos espaços na mídia social do Facebook e do WhatsApp, por obra das “provas” sobre a eficácia da hidroxicloroquina contra a COVID-19. Segundo Michael Marshall, editor do The Skeptic⁴, “é difícil achar um exemplo de charlatanismo que tenha se espalhado tanto, influenciando a resposta da saúde pública para uma pandemia e criando uma confusão ao redor de todo o globo” (s/p).

Outra característica do discurso desinformacional, muitas vezes, também se apresenta como secreto, ou seja, uma verdade que poucos sabem e que é/foi censurada, mas que agora vem à tona (Barros, 2022). Isso pode ser exemplificado pelo caso do Brasil Paralelo⁵ que, frequentemente, afirma que seu conteúdo é censurado nas escolas e universidades, conforme figura 1, a seguir:

⁴ The Skeptic [<https://www.skeptic.org.uk/>] é a publicação mais antiga do Reino Unido a oferecer uma análise cética sobre a pseudociência, teorias da conspiração e alegações de fenômenos paranormais. Acesso em 02 nov. 2024.

⁵ “A Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A, mais conhecida por seu nome fantasia Brasil Paralelo, é uma empresa brasileira fundada em 2016, em Porto Alegre, que produz vídeos sobre política e história, baseando-se e utilizando um viés de extrema-direita e conservador” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil_Paralelo Acesso em 02 nov. 2024.



Por que querem censurar o conteúdo da Brasil Paralelo nas escolas? Entenda o caso

Após divulgar ação com personagens históricos nas escolas, a Brasil Paralelo vem sofrendo tentativas de censura. Entenda o caso.

LANÇAMENTOS | 13 de setembro de 2022



FIGURA 1 – Estratégia discursiva de “censura” do Brasil Paralelo

FONTE – BRASIL PARALELO (2024)⁶

Dessa forma, essa estratégia discursiva baseia-se no fato de que existe uma suposta verdade que está no âmbito do segredo (não parece, mas é) e que quer vir à tona, mas que é censurada. Cria-se, assim, no enunciatário, o desejo de acessar uma suposta verdade escondida.

Em relação ao plano da expressão, nota-se a emulação de características do texto jornalístico, como uso de manchetes, disposição do verbal e do visual etc., o conforme o exemplo a seguir, analisado no trabalho de Mendes et. al (2022):

Desembargadora quebra narrativa do PSOL e diz que Marielle se envolvia com bandidos e é “cadáver comum”



FIGURA 2 – Emulação de características do texto jornalístico pelo plano da expressão

FONTE – MENDES et al. (2022)

⁶ Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/censurar-brasil-paralelo-escolas> Acesso em: 2 nov. 2024.

Por outro lado, é comum a produção de textos (sobretudo do gênero postagens) nas quais se articulam verbal e visual, os quais são produzidos por aplicativos de plataformas de redes sociais, como *stories* do Instagram, nas quais se veem com frequência o uso de emojis, conferindo um efeito amador a essas postagens (textos sincréticos).

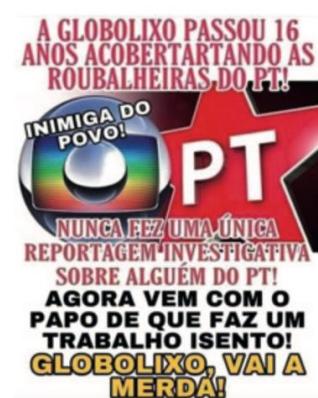
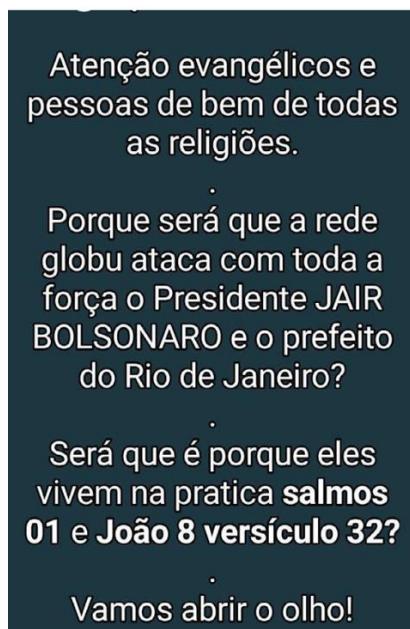


FIGURA 3 – Características do plano da expressão de textos desinformacionais
FONTE – MENDES (2021)

Os resultados da pesquisa pós-doutoral de Mendes (2022) que estudou as dinâmicas de propagação e a construção de sentido de textos (postagens, conteúdo de links, usuários e outras hashtags) relacionados à hashtag #perguntacorona⁷, à luz da semiótica discursiva, algumas recorrências em relação ao plano da expressão de postagens:

As postagens são, em sua maioria, textos sincréticos, articulando linguagem verbal e visual. Além disso, todas elas, fizeram uso de cores. Quando se faz uso de tipografia, opta-se pelo tipo sem serifa. A maioria delas possui formato retangular vertical, o que como já foi dito, relaciona-se com o formato da tela dos smartphones. (Mendes, 2022, p. 63).

Tem-se ainda as *deepfakes*, imagens estáticas ou em movimento, que imitam à (quase) perfeição pessoas reais, quando, na verdade, são sintéticas. Em pesquisa de mestrado realizada

⁷ A hashtag #perguntacorona foi criada pela TV Globo no programa Combate ao Coronavírus, apresentado pelo jornalista Márcio Gomes, após o canal modificar sua grade de programação, passando a dar ênfase no noticiário sobre o tema, em função do avanço da pandemia de coronavírus covid-19 no Brasil.

sobre *deepfakes* à luz da semiótica discursiva, Góis (2022)⁸ define tal fenômeno como “textos de uma única linguagem ou textos sincréticos [...], que articulam linguagens verbais e não verbais que, por meio do parecer, simulam o ser” (p. 9). Segundo o autor da dissertação:

A principal estratégia semiótica encontrada na produção de uma *deepfake* é a iconização, que envolve a sintetização de vozes, imagens estáticas ou em movimento e que, com isso, cria-se um efeito de referente. Graças ao procedimento de iconização levado ao extremo, obtido pela inteligência artificial que se aprimora a cada dia, uma *deepfake* poderá ser lida como verdadeira (Góis, 2022, p. 9).

A título de exemplo, em 2024, circularam *deepfakes* com os então candidatos à presidência dos EUA como se fossem um casal. Em uma delas, a *deepfake* mostra Kamala Harris grávida ao lado de Donald Trump (FIG. 3):



FIGURA 4 – *Deepfake* de Kamala Harris grávida ao lado de Donald Trump
FONTE – FINANCIAL REVIEW (2024)⁹

No caso das *deepfakes*, seu plano da expressão pode ser definido como sendo formantes sintéticos – da linguagem falada, visual estática ou em movimento – que, por meio do procedimento de iconização, criam efeito de real. Assim, é o estatuto semiótico dos formantes plásticos *sintéticos* que distinguem uma *deepfake* de uma imagem “natural”.

Após terem sido exemplificadas algumas características do discurso e do texto desinformacionais, a desinformação será tomada a partir de uma perspectiva semiótico-interacional.

⁸ Orientada por Geane Carvalho Alzamora e coorientada por mim.

⁹ Disponível em: <https://www.afr.com/technology/we-can-t-control-deepfakes-tech-giants-say-20240815-p5k2u9> Acesso em 02 nov. 2024.

3. Desinformação em perspectiva interacional

Uma vez em circulação entre destinadores e destinatários da comunicação, tais textos e discursos são subsumidos aos contratos fiduciário, ligado à crença, e veridictório, ligado ao seu parecer verdadeiro, e, quando obtêm adesão a tais contratos por parte destinatário da comunicação, são sancionados como verdadeiros. Para Greimas e Courtés (2008), ambos os contratos estão intimamente relacionados:

Ele [o contrato fiduciário] se manifesta, entretanto, também no nível da estrutura da enunciação e apresenta-se então como um contrato enunciativo [...], ou como contrato de veridicção, já que visa a estabelecer uma convenção fiduciária entre o enunciador e o enunciatário, referindo-se ao estatuto veridictório (ao dizer-verdadeiro) do discurso enunciado. O contrato fiduciário que assim se instaura, pode repousar em uma evidência (isto é, numa certeza imediata) ou então ser precedido de um fazer persuasivo (de um fazer-crer) do enunciador, ao qual corresponde um fazer interpretativo (um crer) da parte do enunciatário. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 86, grifos dos autores).

Portanto, uma característica invariante da desinformação é que ela visa construir um efeito de verdadeiro para obter a adesão do destinatário. Nesse sentido, conforme Ribeiro, Mendes e Alzamora (2022), que empreenderam uma leitura comparativa entre Peirce e Greimas no contexto da desinformação, ressalta-se a importância da crença para a sanção da desinformação como um discurso que se crê como verdadeiro:

Há uma interseção significativa entre as duas abordagens, que reside no papel que as crenças desempenham nas trocas discursivas e na construção do sentido. De maneira congruente, ambas as perspectivas explicitam que o entendimento da verdade passa por um sistema cognitivo ligado à construção de crenças dos indivíduos. Desse modo, pela perspectiva peirciana, a crença é uma espécie de hábito que direciona condutas, mesmo diante de evidências que questionem a sua veracidade. Já pela perspectiva greimasiana, o discurso da desinformação parece obter a sanção fiduciária fundada sobretudo no crer do enunciatário. (Ribeiro; Mendes; Alzamora, 2022, p. 13).

Em recente proposta, Landowski (2022) argumenta que os efeitos de verdade podem ser construídos por interações que não necessariamente se pautam pela noção greimasiana de contrato, o que, em termos sociossemióticos, corresponderia a um efeito de verdade construído no interior do regime interacional da manipulação. Tais efeitos de verdade, pela referida proposta, podem ser construídos a partir de todos os regimes interacionais, a saber: a programação, a manipulação, o ajustamento e o acidente, gerando, respectivamente, as verdades provadas, as negociadas, a experimentada e a relevada.

Assim, do ponto de vista da sociossemiótica, a desinformação é um efeito de verdadeiro que pode ser construído no interior de um regime interacional regido pela inteligibilidade e/ou pela sensibilidade. O primeiro, em estado puro (que existe apenas em teoria), estaria ligado ao debate de ideias entre sujeitos puramente racionais. O segundo, por sua vez, diria respeito à construção de um efeito de verdadeiro a partir do contágio entre sensibilidades.

O fato é que, no caso da desinformação, é muito difícil dizer que tal fenômeno se baseia apenas em um ou em outro regime. Há, porém, uma tendência à construção de verdades experimentadas (regime do ajustamento sensível), o que pode ser comprovado com o fato de os sujeitos, em virtude da troca de sensibilidades que experimentam na interação uns com os outros, serem impermeáveis à mudança de ideia por mais lógico ou científico que seja o argumento.

Não seria o caso, dessa forma, de pensarmos na construção de efeitos de verdadeiro a partir de uma perspectiva exclusiva de um ou de outro regime de interação, mas, ao contrário, de uma perspectiva de coparticipação entre regimes. Nesse sentido, o mais provável é haver efeitos de verdadeiro que se constroem na articulação entre regimes ou o que Landowski (2021), ao propor uma complexificação dos regimes interacionais, chama de vassalagem de um regime por outro, ou seja, quando um regime – o ajustamento sensível por exemplo – está a serviço da manipulação, cujo princípio regente é a intencionalidade. O caso da invasão da sede dos três poderes em 8 de janeiro pode ser explicado nesse sentido:

Pela sociossemiótica, o contágio é a forma de interação do regime do ajustamento em que se articula o regime da verdade experimentada. Esse efeito de verdadeiro se cria por meio de uma relação em que a estesia tem papel preponderante. Assim, a ideia de contágio nos parece potente para dar conta desse sistema de desinformação que culminou na invasão criminosa das casas dos três poderes em Brasília e permite que se apontem pontos de contato entre as distintas semióticas aqui convocadas (Mendes; Ribeiro; Alzamora, 2023).

Em outro trabalho, afirmamos sobre os atentados:

[que] existe um regime interacional como programa de base, o da manipulação, que se refere aos grupos de interesse e da iniciativa privada que financiaram a tentativa de golpe que desencadeou interações regidas pelo ajustamento sensível de sujeitos que acreditam em teorias conspiratórias ou em mentiras, mas que se tornam verdade para aqueles que assim creem porque se encontram num regime de verdade subsumido por uma interação contagiosa. (Mendes, Sanglard, Costa, 2023, p. 132).

Além disso, podemos considerar textos que, em si mesmos, não apresentam elementos de natureza emocional ou estésica, mas cuja interação entre destinador e destinatário seja governada pelo sensível, o que implica que o sensível sobredetermine o inteligível.

4. Tipologias discursivas do ecossistema desinformacional

Juntamente com os textos e discursos desinformacionais, outros fenômenos emergem e se entrelaçam, compondo um verdadeiro cipoal que desafia a compreensão linear e exige uma abordagem multifacetada para ser compreendido. Esse emaranhado de fenômenos, em que dificilmente a desinformação (entendida como conteúdo enganoso/mentiroso) se apresenta de forma pura, é chamado por Alzamora, Mendes e Ribeiro (2021) de *ecossistema desinformacional*.

Assim, partindo da pesquisa em andamento que analisa postagens em grupos de extrema-direita no aplicativo de mensageria *Telegram* sobre as enchentes no Rio Grande do Sul durante o primeiro semestre de 2024 (Mendes, Gouvêa; Mattos, 2024), propomos, de forma preliminar, as seguintes tipologias discursivas do ecossistema desinformacional:

- Conteúdo enganoso/mentiroso;
- Conteúdo declaratório;
- Ironia;
- Discurso de ódio;
- Memes;
- Teorias conspiratórias.

Essas tipologias não são apresentadas como definitivas, porquanto foram deduzidas do *corpus* da referida pesquisa (Mendes, Gouvêa; Mattos, 2024). Entretanto, parecem-nos amplas o suficiente para abarcarem discursos desinformacionais que podem ocorrer em diversas linguagens de manifestação.

A seguir, serão apresentados exemplos de cada tipologia com base na referida pesquisa. Cabe dizer que uma mesma postagem pode ter elementos de uma ou mais tipologias.

4.1 Conteúdo enganoso/mentiroso



FIGURA 4: Conteúdo enganoso/mentiroso

Fonte: TELEGRAM (2024)

O conteúdo enganoso pode ser definido como um conteúdo que parece verdadeiro, mas apresenta uma informação mentirosa. No caso em pauta, civis vestidos de verde e amarelo tentam salvar pessoas das enchentes no RS. Discursos mentirosos de que civis e não os governos federal e estadual atuaram nas enchentes, foram amplamente encontrados na referida pesquisa. A imagem é facilmente reconhecível como sendo produto de inteligência artificial.

4.2 Conteúdo declaratório

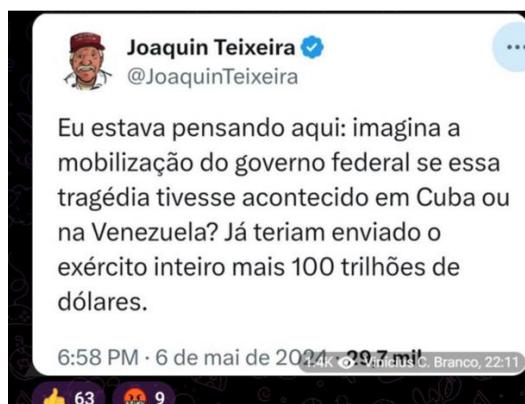


FIGURA 5 – Conteúdo declaratório

Fonte – Telegram (2024)

No caso do conteúdo declaratório, não existe necessariamente um conteúdo verdadeiro ou mentiroso. Trata-se de uma asserção baseada na opinião e, portanto, na crença de quem enuncia. No caso em tela, o usuário @JoaquinTeixeira acredita que se as enchentes tivessem ocorrido na Venezuela, o governo federal, por ser um governo de esquerda, teria se empenhado muito mais do que o fez, segundo ele, em relação à catástrofe climática do RS.

4.3 Ironia



FIGURA 6: Ironia

Fonte: TELEGRAM (2024)

Já a ironia diz respeito a uma estratégia enunciativa em que se diz algo no enunciado, mas se nega esse dito pela enunciação. Para Fiorin,

A ironia apresenta uma atitude do enunciador, pois é utilizada para criar sentidos que vão do gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc. Na verdade, são duas vozes em conflito, uma expressando o inverso do que disse a outra". (Fiorin, 2014, p. 70).

No caso em questão, comprehende-se que o enunciador da postagem ao chamar a primeira-dama de *blogueirinha*, ironiza a presença dela nas enchentes do Rio Grande do Sul uma vez que não estaria ali para ajudar, mas para aparecer (assim como os blogueiros).



4.4 Discurso de ódio



FIGURA 7¹⁰: Discurso de ódio

Fonte: Telegram (2024)

Acerca do discurso de ódio, inúmeros trabalhos têm de debruçado sobre o tema. Como não se trata do tema central deste trabalho, adotaremos a definição de Brugger (2007), que nos parece suficiente para definir o fenômeno:

O discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas (Brugger, 2007, p. 118).

O exemplo trazido refere-se a comentários injuriosos e xingamentos feitos à primeira-dama Janja no contexto das enchentes do RS.

4.5 Memes



FIGURA 8: Memes

¹⁰ Optou-se por desidentificar os autores dos comentários, uma vez que veiculam discurso de ódio.

Fonte: TELEGRAM (2024)

Já os memes são mensagens que circulam no contexto da internet “quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais” (Torres, 2016, p. 60). O caso em pauta traz o meme Philosoraptor (ou dinossauro filósofo) surgido em 2008¹¹. A imagem apresenta um dinossauro Velociraptor com uma expressão pensativa, como se estivesse profundamente refletindo sobre uma questão complexa ou paradoxal.

4.6 Teorias conspiratórias



FIGURA 9: Teorias conspiratórias

Fonte: TELEGRAM (2024)

Por fim, as teorias conspiratórias “referem-se à criação de uma explicação ‘alternativa’ ou ‘fantasiosa’ para fatos que normalmente contrariam a versão oficial e politicamente correta de um determinado acontecimento” (Rezende et al., 2019, p. 2). Aggio (2021) acrescenta que:

Nas palavras de um dos maiores estudiosos do assunto, Joseph Uscinsky (2020), teorias da conspiração se definem pela tentativa de explicação de um evento passado, presente ou futuro que elege como causa primária de sua ocorrência o envolvimento obscuro de um pequeno grupo de pessoas poderosas que atua em favor de seus interesses e contra o bem comum (Aggio, 2021, p. 67).

¹¹ Segundo o Museu dos Memes da UFF. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/dinossauro-filosofo-philosoraptor>. Acesso em: 1 fev. 2025.

No caso em pauta, o enunciador da postagem diz estar em curso o chamado Plano Marshall Rio Grande do Sul, em cujas medidas estariam a desapropriação de terras pelo governo federal após as enchentes, uma vez que o governo federal seria, de acordo com o enunciador e enunciatários da postagem, *comunista*.

5. Estatuto semiótico das tipologias discursivas do ecossistema desinformacional

Após termos trazido exemplos e definições das tipologias discursivas do ecossistema desinformacional, é preciso reiterar que foram deduzidas de um *corpus* e que, portanto, não há a pretensão de que sejam exaustivas, mas uma primeira tentativa de compreender tal ecossistema. Além disso, denominamos de tipologias discursivas do ecossistema desinformacional visto que são formas discursivas que podem ocorrer em qualquer linguagem de manifestação. Tais tipologias apesar de pertencerem a categorias distintas (gêneros do discurso, figuras de linguagem, temas, etc.), podem ser pensadas à luz das modalidades do crer e do sentir. São tais modalidades que, portanto, oferecem um estatuto semiótico a tais tipologias. Aquelas modalizadas pelo fazer-crer são: conteúdo enganoso/mentiroso, conteúdo declaratório e teorias conspiratórias. Já aquelas modalizadas pelo fazer-sentir são: ironia, discurso de ódio e memes. Enquanto as três primeiras visam *a priori* a fazer-crer o enunciatário, as outras três visam a fazer-sentir. Portanto, em termos interacionais, enquanto as tipologias que visam a fazer-crer se inscrevem no regime interacional da manipulação; as que visam a fazer-sentir, no regime interacional do ajustamento. Como as tipologias são abstratas e mais de uma pode ocorrer em uma dada textualidade, é bem provável que em termos práticos, o fazer-crer e o fazer-sentir não ocorram de forma estanque, mas de forma sobreposta.

6. Desinformação como prática interacional

Segundo Ribeiro, Mendes e Alzamora (2022),

O fenômeno da desinformação se caracteriza por um processo comunicacional em rede que opera de modo semelhante: produção difusa, distribuição multiplataforma e expansão oblíqua, efetuada pela ação social impulsionada por algoritmos em conexões digitais. (2022, p. 2).

Assim, a dimensão produtiva da desinformação tem distribuição multiplataforma e é impulsionada por algoritmos. É importante frisar que plataformas são: “[...] infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre

usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados" (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020, p. 4). De acordo com os autores, é possível notar a influência múltipla das plataformas na estruturação e reestruturação das práticas culturais e semióticas associadas a seus usos, além de suas dimensões políticas e econômicas.

Dessa forma, tanto as práticas (semióticas) quanto as plataformas passam por transformações simultâneas, embora as forças que operam essas mudanças sejam inevitavelmente desiguais. O estudo sobre o tema e o processo de plataformação da sociedade (Van Dijck; Poell; De Wall, 2018) envolve a análise de diversas dimensões, que abrangem as infraestruturas, o contexto de datificação e algoritmos, os modelos de negócios, a governança, bem como as práticas e *affordances*.

Pela lógica da plataformação, os algoritmos induzem à produção de *filtros-bolha* ou as chamadas *câmaras de eco*, a partir das quais usuários passam a interagir com outros semelhantes em termos identitários e ideológicos. Recuero, Soares e Zago (2021), fundamentando-se no pensamento de Sunstein (2001), argumentam que contextos de intensa polarização afetiva podem conduzir à radicalização de indivíduos devido ao aumento da aversão entre grupos. Sunstein propõe que grupos políticos podem formar câmaras de eco quando indivíduos com posições semelhantes se isolam do restante da sociedade, acessando apenas opiniões e informações que reforçam as crenças do grupo. Os autores entendem *câmaras de eco* como sendo "grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência a informações que reforcem uma narrativa política em particular" (Recuero; Soares; Zago, 2021, p. 4).

Portanto, a lógica da plataformação (que implica interações entre usuários e plataforma, plataforma e usuário, coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados) sobredetermina as interações entre actantes nas redes. Trata-se de uma infraestrutura tecnológica que, semioticamente, cumpre o papel de um sujeito que faz-ser (relativo ao regime da programação) e que faz-fazer (relativo ao regime da manipulação). Esse sujeito, por sua vez, é orientado pelo destinador que poderíamos denominar capitalismo de plataforma/economia da atenção que, em última instância, visa ao lucro, mesmo que isso signifique, por exemplo, fomentar ações antidemocráticas e discursos negacionistas.

Por fim, não se pode pensar de forma estanque a vida online da vida offline. Para Santaella (2016, p. 71):

Desde que a comunicação mediada por computador livrou-se dos fios e adquiriu uma portabilidade leve e volátil, o ser humano passou a adquirir uma existência *on* e *off* line simultaneamente. Hoje habitamos espaços intersticiais com passagens instantâneas do virtual ao presencial e vice-versa.

Dessa forma, a lógica da mídia e das plataformas passa a pautar a lógica da vida social, tais como demonstram, por exemplo, os estudos sobre midiatização e plataformização, os quais devem também ser objeto da semiótica pois tratam de fenômenos eminentemente interacionais.

7. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo reunir resultados de pesquisas sobre desinformação, adotando como perspectiva teórica a semiótica discursiva e a sociossemiótica. Foram apresentadas as características do texto e do discurso desinformacionais, além da consideração da desinformação sob seu aspecto interacional. Destacou-se a influência dos contratos fiduciário e veridictório na adesão à desinformação, bem como a relevância do regime do ajustamento na propagação de crenças e na construção de efeitos de verdade baseados no contágio sensível. A desinformação foi definida como um efeito de verdadeiro, construído no interior de um regime interacional regido pela inteligibilidade e/ou pela sensibilidade. O estudo também propôs uma tipologia discursiva para o ecossistema desinformacional, baseada no estatuto semiótico das modalidades do fazer-crer e do fazer-sentir. Por fim, a desinformação foi analisada como uma prática interacional. Diante da complexidade do tema, recomenda-se que pesquisas futuras, à luz da semiótica, busquem compreender melhor as implicações interacionais dos actantes não humanos, que sobre determinam as interações relacionadas à desinformação.

Referências

- AGGIO, C. Teorias Conspiratórias, verdade e democracia. In: Geane Alzamora; Conrado Moreira Mendes; Daniel Melo Ribeiro. (Org.). **Sociedade da Desinformação e Infodemia**. 1ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2021, v. 1, p. 63-86.
- ALZAMORA; G.; MENDES, C. M.; RIBEIRO, D. M. (orgs). **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/sociedade-da-desinformacao-e-infodemia/> Acesso em 02 nov. 2024.
- BARROS, D. L. P. Contrato de veridicção: operações e percursos. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 2, p. 23-45, 2022. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198279. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/198279>. Acesso em: 2 nov. 2024.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio?: algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136, jan./mar. 2007.

DEMURU, P. ; FECHINE, Y. ; LIMA, C. A. R. Desinformação como camuflagem: modos de produção da verdade no WhatsApp durante a pandemia. **Anais do XXX Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/desinformacao-como-camuflagem-modos-de-producao-da-verdade-no-whatsapp-durante-a?lang=pt-br>. Acesso em: 2 nov. 2024.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

GÓIS, V. O. P. **As verdades dos profundamente falsos**: um estudo semiótico sobre deepfakes nas eleições presidenciais brasileiras de 2022. 2023. 125 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/68122> Acesso em: 02 nov. 2023.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. São Paulo: EdUSP/Nankin, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDOWSKI, Eric. As metamorfoses da verdade, entre sentido e interação. **Estudos Semióticos** [online], vol. 18, n. 2. São Paulo, agosto de 2022. p. 1-22. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/198273>. Acesso em: 02 nov. 2024.

LANDOWSKI, E. Présentation: Complexifications interactionnelles. **Revista Acta Semiotica**, São Paulo, Brasil, n. 2, p. 41-61, 2021. DOI: 10.23925/2763-700X.2021n2.56786. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/56786>. Acesso em: 2 nov. 2024.

LANDOWSKI, E. Da interação, entre Comunicação e Semiótica. In: OLIVEIRA, A.C.; PRIMO, A.; ROSSINI, V.; NASCIMENTO, G. (Org.). **Comunicação e interações**. Porto Alegre: Sulina, v., p. 43-70, 2008.

LIRA, A.I.O.; PENNAFORT, V.P.S.; ANJOS, J.S.F.; BARRA, I.P.; COSTA, E.O.; MENDONÇA, A. E. O. Comunicação em saúde e desinformação sobre COVID-19 em fact-checking de fake News. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 12, p. e56-e56, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/71263/50674> Acesso em 01 nov. 2024.

MENDES, C. M.; GOUVÉA, C. de A.; MATTOS, M. Â. **A desinformação em perspectiva semiótico-interacional** (FIP 2024 / 30881). Projeto de pesquisa em andamento. Financiador: Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas. 2024.

MENDES, Conrado Moreira; SANGLARD, Fernanda Nalon; COSTA, Verônica Soares da. Desinformação e implicações para a democracia: reflexões a partir dos atentados de 8 de janeiro. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 2, p. 119–136, 2024. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2024.218951. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/218951>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MENDES, C. M.; RIBEIRO, D. M. ; ALZAMORA, G. C. . A relação entre crença e verdade no contexto da desinformação: abordagens semióticas sobre os atentados de oito de janeiro. In: 32º Encontro Anual da Compós Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2023, São Paulo. **Anais do 32º Encontro Anual da COMPÓS**. São Paulo: Galoá, 2023. v. 32. p. 1-22. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-relacao-entre-crença-e-verdade-no-contexto-da-desinformacao-abordagens-semioti> Acesso em: 02 nov. 2024.

MENDES, C. M. Relatório de Pós-doutorado. Relatório de pesquisa (Pós-doutorado) — Projeto de pesquisa: **Regimes de propagação em torno da hashtag #perguntacorona: interação, sentido e (des)informação**. 2022. 118 p.

MENDES, Conrado Moreira et al . Interação, desinformação e intolerância: análise de uma fake news sobre o assassinato Marielle Franco. **Estudos Semióticos** [online], vol. 18, n. 3. São Paulo, dezembro de 2022. p. 176-200. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/198838/189295> Acesso em: 1 fev. 2025.

MENDES, C. M. Semiótica da desinformação. In: Alzamora, G. C.; MENDES, C. M., RIBEIRO, D. M.. (Org.). **Sociedade da desinformação e infodemia**. 1ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021, v. 1, p. 163-192. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/sociedade-da-desinformacao-e-infodemia/> Acesso em 02 nov. 2024.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização**. Trad. Rafael Grohmann. Revista Fronteiras, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>. Acesso em: 03 nov. 2024.

RECUERO, Raquel; SOARES, FELIPE ; ZAGO, Gabriela . Polarização, Hiperpartidarismo e Câmaras de Eco: Como circula a Desinformação sobre Covid-19 no Twitter. **CONTRACAMPO** (UFF), v. 40, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45611/28708> Acesso em 31 out. 2024.

REZENDE, Alessandro Teixeira et al. Teorias da conspiração: significados em contexto brasileiro. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 36, p. e180010, 2019.

RIBEIRO, D. M.; MENDES, C. M.; ALZAMORA, G. C. A relação entre crença e verdade no contexto da desinformação: uma leitura comparativa de Peirce e Greimas. In: 31º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais do 31º Encontro Anual da COMPÓS**, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/a-relacao-entre-crenca-e-verdade-no-contexto-da-desinformacao-uma-leitura-compar?lang=pt-br> Acesso em: 02 nov. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital**: a voz da política. São Paulo: Paulus, 2016.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Mauad Editora Ltda, 2006.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e cultura**, v. 68, n. 3, p. 60-61, 2016.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society**: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. As *fake news* e os sete pecados do capital: uma análise metafórica de vícios no contexto pandêmico da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 5, p. e00195421, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/B43TkjGBhkPfcjQhDrj4tj/?lang=pt> Acesso em 01 nov. 2024.